

CENTRO-SUL DO ESTADO DO RIO PODE VOLTAR A CULTIVAR CAFÉ

O centro-sul fluminense, que foi o ponto de partida das grandes plantações de café no Brasil no tempo do Império, poderá voltar a cultivar o grão que, durante quase um século, se constituiu a principal riqueza do país. Os primeiros embarques de café para o exterior datam de 1779, totalizando 79 arrobas, ou o equivalente a 1.185 quilos. Já em 1806, as exportações atingiram o volume significativo de 80 mil arrobas, de acordo com dados da **Associação Brasileira da Indústria de Café** (Abic).

Para estimular o plantio do grão no Rio de Janeiro, pesquisadores da **Embrapa Solos** estão realizando o zoneamento do café para o estado, buscando identificar as áreas com menor risco de perda de produção. Segundo o pesquisador Alexandre Ortega, da **Embrapa**, responsável pela parte do trabalho relacionada ao clima, a ideia é "minimizar o risco e maximizar o sucesso".

Os resultados preliminares do trabalho, que procura aperfeiçoar estudo anterior elaborado em 2000 pela **Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro** (Pesagro), deverão ser divulgados em julho. A conclusão do zoneamento deve ocorrer até o fim deste ano.

O pesquisador Waldir de Carvalho, um dos executores do projeto, disse que há um potencial grande a ser explorado no estado para o cultivo do café pelos pequenos e médios produtores. Destacou, entretanto, que "a potencialidade está nas terras que hoje são usadas para pastagens".

Atualmente, as regiões serrana e noroeste fluminense, com destaque para os municípios de Bom Jardim e Varre Sai, respectivamente, são as que mais produzem café no estado. "Em Varre Sai, 85% da renda do município vêm da cadeia do café", informou Carvalho.

O zoneamento faz parte do Programa Mais Alimentos, do **Ministério do Desenvolvimento Agrário** (MDA), que tem o objetivo de estimular o plantio de alimentos pelo pequeno produtor rural, incluindo o agricultor familiar. Ortega acrescentou que a ideia é fomentar novos plantios no Rio de Janeiro e tornar mais competitivos aqueles que já estão implantados.

A variedade de café mais encontrada no estado é a arábica. Seu plantio está relacionado à questão do clima. "É um café de altitude, ou seja, lugares com temperatura mais amena e precipitação mais distribuída ao longo do ano", disse Ortega. O pesquisador observou, porém, que a revitalização da cultura do café no Rio depende de políticas públicas, incentivos, financiamento e crédito, entre outros fatores.

CRÍTICAS DOS PRODUTORES

O presidente da Associação de Cafeicultores do Rio de Janeiro (Ascarj), Efigênio Salles, não crê que o zoneamento do café que vem sendo feito pela **Embrapa Solos** para o estado possa recuperar o plantio do grão no centro-sul fluminense. A região foi pioneira na atividade

cafeeira no país e centro irradiador para outros estados.

Em entrevista à **Agência Brasil**, Salles afirmou que não vê possibilidade de retorno de produção nessa área, "exatamente porque a área foi a que produziu café no tempo do Império. Essa área deixou de produzir quando a industrialização chegou ao longo do Rio Paraíba do Sul, com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Quando aquilo virou uma região industrializada, absorveu toda a mão de obra do café".

O presidente da Ascarj não acredita, por isso, que o cultivo do café possa ser recuperado no sul do estado. A produção fluminense, estimada pela associação para este ano, é de cerca de 350 mil sacas de 60 quilos cada. "Não existe comparação com a produção registrada nos tempos áureos do café no país, quando a atividade cafeeira sustentava o Império", disse Salles. "Era a maior riqueza do país. A produção naquela época era milhares de vezes maior. Isso [a produção estimada para o Rio] hoje é inexpressivo perto do que era na ocasião", acrescentou. Do total produzido hoje, 70% estariam concentrados nas regiões serrana e noroeste do estado.

De acordo com a Ascarj, o setor gera em torno de 10 mil postos de trabalho diretos e 30 mil indiretos no Rio. Um dos aspectos da importância econômico-social do café é a geração de emprego, afirmou Salles. "É empregar gente, porque aqui é toda uma cafeicultura de montanha, toda em cima da mão de obra. Não há praticamente mecanização no processo da produção". A tecnologia é usada a partir da colheita, beneficiamento e rebeneficiamento quando se trata de exportação, informou.

O posto de maior produtor de café nacional é dividido atualmente entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e do Espírito Santo.

FONTE

Agência Brasil

Alana Gandra - Repórter

Graça Adjuto - Edição

LINKS REFERENCIADOS

Embrapa Solos

www.cnps.embrapa.br

Associação Brasileira da Indústria de Café

www.abic.com.br

Ministério do Desenvolvimento Agrário

www.mda.gov.br

Agência Brasil

www.agenciabrasil.gov.br

Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro

www.pesagro.rj.gov.br

Embrapa

www.embrapa.br